

GALERIA RECEBEU MOSTRAS NACIONAIS

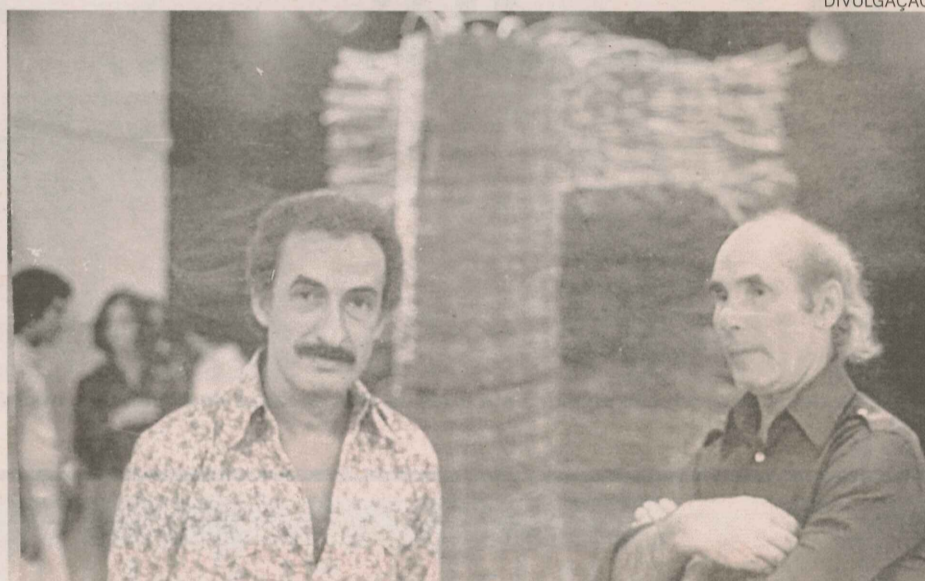
Frans Krajcberg, Carybé, Burle Marx e Sebastião Salgado fizeram exposições na Homero Massena, que hoje destina sua programação quase que exclusivamente aos artistas locais

Atualmente, a programação da galeria está focada quase que exclusivamente nos artistas locais, o que é um caminho correto em função da composição com os outros espaços disponíveis na Capital, mas no período anterior alguns artistas visitantes frequentaram a galeria. Entre eles Krajcberg, que teve seu primeiro contato com a cidade em uma individual a partir de um convite do saudoso jornalista Alvinho Gatti. E ainda Carybé, Burle Marx... e dois capixabas residentes e em atividade no Rio: Paulo Herkenhoff, quando ainda dublê de artista em 1980, e o genial escultor Maurício Salgueiro, na mostra "Sólido-Insólito", que ocupou também outros espaços na cidade.

Sebastião Salgado foi outro visitante de uma área sempre prestigiada pela gHM: a fotografia. Por lá passaram Pedro Fonseca, fotógrafo muito ativo nos anos 50 e 60; Rogério Medeiros, Érico Hauchid, Wallace Neves, Paulo Bonino, Annie Cicatelli, Humberto Capai, Tom Boechat...

Com a virada do século, a lista continua: Fernando Accarino, Julio Tigre, Jeveaux, Norton... destacando-se a instalação de Elisa Queiroz, um dos melhores aproveitamentos do espaço, com a obra "Wonderbra", um múltiplo e enorme "soutien" preenchido com bolas, que ocupava toda a galeria. Também Luciano Boi, Luciano Cardoso, Carlos Crepaz, Yvana Belchior, Alex Vieira, Molécula Hna...

O "Coletivo Maruípe" realizou, em 2004, uma bem animada intervenção que ultrapassou o espaço da mostra, desenvolvendo atividades e possibilidades em todo o prédio, e



DIVULGAÇÃO

O gestor Marien Calixte com Frans Krajcberg em maio de 1978: intercâmbio



FLAVIO MATOS/ACERVO DO DEC

Paulo Herkenhoff, na foto com José Augusto Loureiro, expôs no local em março de 1980

Marcelo Gandini foi responsável por outro clássico, com "Projéteis", em que a partir de um fato pessoal desdobrou a violência urbana em arte vigorosa.

Hoje, a "simpatia" tradicional do espaço se amplia também no apoio a eventos, como as edições do "trampolim", do Marcus Vinícius, e a outros projetos importantes no desenvolvimento de uma arte não acomodada.

Quando convidado para fechar o calendário de 2005, com a instalação/eletropajelança "Brasil", me dei conta da paixão graciosa que tenho pela galeria. Percebi que tinha realizado individuais em todas as décadas de sua existência: "Taru", em 1979; "Noturnos", em 1981; "Vydeo", em 1993; e agora, em maio, mais uma eletropajelança: "Tempo"! Virou promessa a ser cumprida a cada década, festejando os novos talentos e absorvendo um pouco da energia de um espaço único em nossa história. Isso não tem preço...

Sobre o futuro da galeria, relembro uma palestra, do início de 2007, "gHM: destino e arredores", em que, além de chamar a atenção para a localização estratégica, com seu entorno de equipamentos culturais existentes e previstos, defendi também uma ampliação física do espaço, como duplicar a altura do pé direito e ocupar outros andares no edifício abandonado. São possibilidades ainda reais. Um rumor ventilado na época foi o de que o prédio seria implodido, juntamente com o edifício do Tribunal de Justiça, e a área transformada num belo parque para a Cidade Alta. Gostei da ideia, mas com a gHM ocupando uma galeria subterrânea. Persistindo!

Como o vento sul...

Calendário de exposições de 2012:

07.02 a 16.03

"Os Diários de Beatriz" - Beatriz Ramos Ribeiro

27.03 a 27.04

"Quinquilha-transfiguração iconográfica manufaturada" - Reinaldo Freitas Resende

08.05 a 08.06

Nenna - "TEMPO [uma eletro-pajelança]" - Nenna

18.06 a 20.07

"Duração e Finitude" - Larissa da Rosa Roveré
30.07 a 31.08
"Íntima idade" - Débora Benaim Cruz

10.09 a 12.10

- "Aquilo que se vive enquanto se lembra" - Polliana Dalla Barba

22.10 a 23.11

"Deserto Gráfico" - Luciano Barreto Ramos

03.12 a 31.12

"A grande justificativa" - Rodrigo Hipólito dos Santos

A Galeria Homero Massena fica na Rua Pedro Palácios, 99, Cidade Alta, no Centro de Vitória. Visitas guiadas: (27) 3132-8395.

DORIS MONTEIRO, TRANÇAS E TALENTO



MINHAS MÚSICAS

Doris Monteiro. Microservice. 29 faixas. CD duplo. Quanto: R\$ 29,90, em média

O rádio brasileiro podia ser acompanhado pela “Revista do Rádio”, de Anselmo Domingos, cujas capas privilegiavam celebridades dos anos 1940 e 1950. Dalva de Oliveira, Marlene, Elizete Cardoso, Hebe Camargo, Emilinha Borba, as irmãs Linda e Dircinha Batista, Ademilde Fonseca, Isaurinha Garcia, Zezé Gonzaga, Helena de Lima, Carmélia Alves – a Rainha do Baião –, Claudette Soares, apelidada de Princesinha do Baião por Luiz Gonzaga no programa “No Mundo do Baião”, nas tardes da Rádio Tamoio, do qual era ouvinte assíduo.

Mal entrado na idade da aborrecência, “nitinga” (*) de rádio, ouvindo tudo, de certa forma nossas carreiras embalsamaram simultaneamente. Ela, menina de trança, e D. Ana, mãe de segurar pelo braço, cantando, o locutor que vos fala – assim falavam os locutores – ouvindo, colecionando, **didjeisando**.

Vozes melodramáticas, carregadas nos errrres e agudos do gran finale. Não era um chegado, diga-se, meiquei mais ligadoço nos regionais de Canhoto, Rogério Guimarães, violão de Garoto, Luiz Gonzaga, Luiz Vieira, José Menezes, Carolina Cardoso de Menezes, bons instrumentais que já curtia, sem **feicibiqui**, nas Rádio Nacional, Mayrink Veiga, Tupi, Tamoio, as de Minas, Pernambuco, Porto Alegre, Bahia, São Paulo.

Aquela voz, um tom mais baixo, deu pra notar. Uma barreira sonora transposta por uma guria de quase 17 pintou no Telefunken de olho mágico, nome de cantora gringa, Doris Monteiro. O abolerado “Se Você se importasse” (Peterpan) revelava algo diferente das outras vozes. No 78 rpm ela gravou “Fecho meus olhos, vejo você” (José Maria de Abreu).

Calouros

Adelina Doris Monteiro (21 de outubro de 1934) surgira aos 15 anos no programa de calouros de Renato Murce, “Papel Carbono”, gravou em 7 de agosto de 1951, fez sucesso com a primeira música. Superou errrres e melodramas, tornando-se requisitada por novos compositores.

Foi o que não faltou. Numa coletânea pra registrar os sessentinha do primeiro disco, juntando os cinco primeiros anos de atuação, vê-se uns tais Luiz Bonfá, Antonio Maria, Vinicius de Moraes, Dolores Duran, Antonio Carlos Jobim, Francisco Anysio (Chico), Fernando Cesar. Deste gravara em 1954 “Graças a Deus”, sucesso dimontão, e “Joga a rede no mar”, de Fernando e Nazareno de Brito, que este



DIVULGAÇÃO

Em comemoração aos 60 anos do primeiro disco de Doris Monteiro, coletânea reúne faixas gravadas pela cantora entre 1951 e 1956

A LETRA

MOCINHO BONITO

*Mocinho bonito,
Perfeito improvisado
Do falso grã-fino
No corpo é atleta
No crânio é menino
Que além do ABC
Nada mais aprendeu
Queimado de sol
Cabelo assanhado
Com muito cuidado
Na pinta de conde
Se esconde um coitado
Um pobre farsante que a sorte esqueceu*

Trecho da música de Billy Blanco, gravada por Doris Monteiro

didjei usou como BG nos primórdios do velho “Clube da Boa Música”, na Rádio Capixaba, num solo de piano do maestro Henrique Simonetti. No mesmo 1954, Doris casou-se com Carlos Ruy Menezes, um promotor capixaba.

Óia aí a gente se cruzando **traveiz**. Três anos depois desse sucesso, conheci Fernando Cesar, dono da Carlos Pereira Indústrias Químicas, fabricante de produtos de limpeza. Estava no Rio montando a discoteca da Rádio Carioca – do mesmo grupo então dono da Rádio Capixaba, onde eu era didjei, programador da rádio, redator de comerciais, produtor, apresentador. Quem não ouviu programas patrocinados pelo Sabão Platino nas grandes emissoras cariocas nos **fifties** ou **sixties**? Já era bacana inglêsá a escrita. Doris gravou muitas coisas de Fernando: “Conhece?”, perguntou ele. “Conheço de ouvido”, respondi, “programo muita coisa dela”. Ele me presenteou um LP de 10

polegadas com composições suas, que guardei com toda a reverência. Afinal, o primeiro LP de 10 polegadas da Doris Monteiro presenteado pelo autor das músicas, didjei nenhum sisquece.

Filha de zelador de prédio, Doris Monteiro tornara-se artista muito solicitada com seus fulminantes primeiros cinco anos, desde a gravação de agosto de 1951. “Às custas do próprio talento”, testemunha o veterano jornalista e parceiro do Portal Don Oleari Ponto Com (donoleari.com), Rubens Pontes. Como diretor de programação da TV Itacolomi, de Belzonte, Rubens viveu de perto os 8 anos em que Doris foi estrela de um programa da TV Tupi, também dos Diários Associados: “Era recomendada pelo big boss Assis Chateaubriand, tinha tratamento vip, mas seu prestígio não se devia a isso”, diz Rubens.

Em 1951, chegava à buate do Copacabana Palace – lugar de artistas top de linha – uma menina top veneno de tranças e voz amena. Dois anos depois, em 1953, o cinema, no filme de Alex Viany, “Agulha no Palheiro”, tema de Cesar Cruz e Vargas Júnior. Levou o prêmio de melhor atriz. Em 1954, Viany chamaria Doris para outro, “Rua sem Sol”. Outro registro importante: fez ao vivo e gravou o primeiro comercial da Coca Cola para a televisão, em 1955, reunindo-se ao histórico grupo vocal Os Cariocas.

No chipi do escriba, ficou registrado como marco da carreira de Doris Monteiro a gravação de “Mocinho Bonito”, do eterno Bily Blanco, em 1956. Ao ouvir a gravação, restou aquele senso de que estaria ela mudando de rota, de tons, amaciando mais e partindo pro seu definitivo. Afunilou o repertório e encontrou a sua. Ano também em que Doris viveu episódio que fez a delícia das vendas da “Revista do Rádio” e da imprensa marrom. Sim, meninos, nos anos 1950/60 existia uma coisa chamada imprensa marrom. Maus tempos, aqueles...

Quem se deliciou quinquinois com a leitura de “Chatô, o Rei do Brasil”, de Fernando Moraes, conheceu a história da eleição de Doris Monteiro para Rainha do Rádio. Assis Chateaubriand gastou 5 milhões de cruzeiros em encalhes da “Revista do Rádio” para eleger Doris a Rainha de 1956. A história está no livro.

Doris Monteiro e este cronicascateiro foram dos discos de 78 rpm até as tecnologias atuais da modernidade. Doris continua cantando. O autor destas bem traçadas, programando Doris e afins. Música boa não tem idade.

(*) **musquitim quinum disgruda da pessoa**

O início das atividades da galeria, em 1977, se confunde com um período de transformações u

UM ESPAÇO ONDE A ARTE FEZ HISTÓRIA

ARTISTA VOLTA NO TEMPO PARA DESCREVER OS 35 ANOS DA GALERIA HOMERO MASSENA

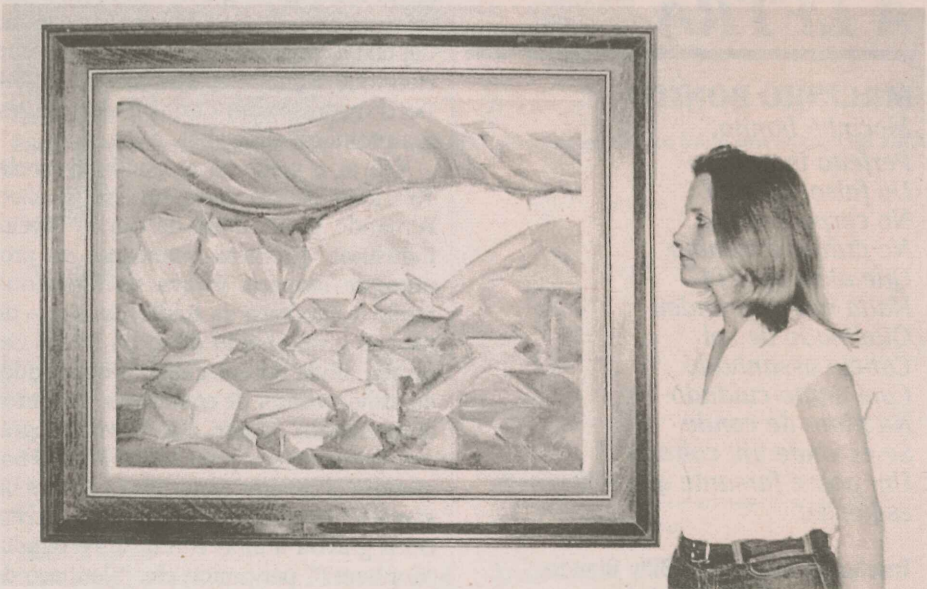
Um espaço de arte possível de ser adjetivado como “simpático”, mítico mesmo, é a Galeria Homero Massena. A proximidade do aniversário de 35 anos de suas atividades, em março, me provocou uma rápida, sentimental e agradável viagem memorial, circulando entre os acertos e equívocos de uma trajetória que desde o início “permitiu” a apresentação de linguagens contemporâneas em seu espaço e hoje continua a alimentar a arte praticada no Estado com jovialidade e esperança.

O início das atividades da galeria, em 1977, se confunde com o cotidiano da província em transformação. Muito desejada pelos artistas, a materialização do sonho do “cubo branco” – mesmo com o piso e o teto pretos (!) – foi resultado das mudanças socioeconômicas ocorridas na implantação dos grandes projetos industriais. Antes, as exposições eram realizadas em locais improvisados, principalmente no foyer do Teatro Carlos Gomes, com a estética da decoração interferindo radicalmente na apresentação das obras e no relacionamento com os espectadores.

Para algumas mostras, como nos salões nacionais organizados pelo MAM do ES, ainda nos anos 60, as cadeiras na plateia eram retiradas e as montagens ocupavam todo o teatro numa mistura caótica que incluía os camarotes e corredores, como pude vivenciar na adolescência. Pois é, tivemos um Museu de Arte Moderna. Mas aí já é outra história... que acabou na polícia!



O artista Elpídio Malaquias com o coordenador Delton Souza em janeiro de 1980; abaixo, Ivanilde Brunow expõe no local em maio do mesmo ano



Meu primeiro contato com o projeto, ainda manuscrito, foi em conversa com Beatriz Abaurre, então presidente da Fundação Cultural (a Secult da época...), que batalhou e viabilizou politicamente a ideia de transformar o espaço destinado a uma garagem e subestação elétrica, numa galeria de arte. A inauguração, já na administração de Marien Calixte, apresentou uma coletiva com artistas locais em atividade naquele período. Enfim estava concretizado o sonho de todos e terminado o prazo de validade do pedido/manifesto que lancei na instalação “Triste Trópico”, quatro anos antes, no Teatro Carlos Gomes: “É necessário e urgente – nessa Capital – algo que se possa realmente identificar como uma galeria de arte”.

O cubo nasceu “Centro de Artes Homero Massena”, um projeto claramente indefinido do ponto de vista conceitual, ou talvez totalmente definido, pois teria que abrigar todos os “tipos” de produção, numa perspectiva ampla que incluía além das diversas áreas das artes plásticas, também o artesanato, o folclore, os concursos e o que mais pintar... misturando a quase vanguarda e o estabelecido. O batismo com o nome de um dos nossos mais conhecidos pintores foi polêmico. Para mim, virou apenas “gHM”, que Homero Massena merece algo que lhe faça sentido.

Em quase quinhentas exposições (!), a galeria teve seus períodos de altos e baixos no quesito “qualidade”, em função da personalidade e “gosto” do administrador de plantão. Inicialmente sob o comando de Delton Souza, passando pelo poeta e crítico Carlos Chénier, depois sob os cuidados de Maria Helena Lindenberg... o espaço quase sempre foi dirigido por artistas, como Bernadette Rubim, atual responsável.

Lá se iniciaram ou se confirmaram praticamente todos os talentos que compõem a nossa história recente. De uma longa lista, quase interminável, temperando a conversa, vamos destacando alguns, por ordem de aparição: Nice, Freda Cavalcanti, Kleber Galvêas, Dan Mendonça, Vilar, Hilal, Carmem Có, Wagner Veiga, Alberto Harrigan, Celina Rodrigues, Atilio Colnago, Marian Rabelo, Penithência...

Nos anos 80, mesmo residindo no Rio, provoqueei a coletiva “Pinturas e o que Pintar” em parceria com o Balão Mágico, o grupo iconoclasta da Ufes. Com Telma Guimarães, Sáskia Sá, Deborah..., picando paredes e provocando. E a lista continua: Ivanilde Brunow, Ilária Rato, Marien Calixte, Lando, Regina Chulam, Neusa Mendes, Celso Adolfo, Gilberto Chaudanne, Mac... e até Homero Massena, num evento comemorativo de seu centenário de nascimento!

No início dos anos 90, após reforma ampla em sua estrutura, a galeria diminuiu, acertadamente, o número de mostras por ano. E a lista continuou aumentando: Ronaldo Barbosa, Rosana Paste, Rosi Ludovico, Raquel Baelles, Fátima Nader, Marcos Neme...